

MITOS SOBRE A SURDEZ NO IMAGINÁRIO DE ALUNOS JOVENS E ADULTOS DE UMA ESCOLA INCLUSIVA BILÍNGUE

MYTHS ABOUT DEAFNESS IN THE IMAGINARY OF YOUNG AND ADULT STUDENTS OF AN INCLUSIVE BILINGUAL SCHOOL

Ingrid Pereira de SOUZA¹

Rodrigo Gomes PINTO²

Breno de Souza JUZ³

Lilian Cristine Ribeiro NASCIMENTO⁴

Resumo: Atualmente se tornam cada vez mais frequentes na sociedade discussões envolvendo a surdez e o sujeito surdo em diversos ambientes. Ainda assim, há por parte da população geral desconhecimento em diversas questões que são permeadas por mitos frequentemente difundidos e que envolvem o sujeito surdo e suas especificidades, criando um senso comum errôneo. Nesse contexto, o presente artigo propõe relatar e discutir tais questões por meio de uma atividade realizada em uma escola municipal de Campinas, tendo como objetivo a investigação dos conhecimentos de estudantes ouvintes acerca da surdez e do sujeito surdo, com a discussão e desconstrução dos principais mitos que envolvem essa temática. Também é desenvolvida a discussão sobre o papel da inclusão na modificação de visão que alunos ouvintes têm sobre o sujeito surdo e a surdez. Embora os alunos surdos tenham participado da atividade, uma vez que estavam incluídos nas salas de aula, o número ínfimo desses alunos não foi relevante para modificar o resultado. Os resultados obtidos indicam que apenas inserir alunos surdos em sala de aula, não promove, necessariamente, uma mudança conceitual nos alunos ouvintes sobre a experiência de ser surdo ou sobre a Libras. É preciso que a gestão e o corpo docente se mobilizem na tarefa de proporcionar situações em que os surdos assumam um posicionamento de protagonismo em sala de aula e na escola a fim de compartilhar as diferenças e potencialidades do sujeito surdo, sobrepondo os mitos comumente difundidos e que são, de maneira errônea, frequentemente assumidos como verdadeiros.

Palavras-Chave: Educação de Surdos; Língua Brasileira de Sinais (Libras); Surdez.

Abstract: Discussions concerning deafness and the deaf individual in diverse environments are becoming increasingly frequent in society nowadays. Even there still is a lack of knowledge by the general population about several issues that are permeated by often widespread myths involving the deaf person and its specificities, which creates an erroneous common sense. In this context, the

¹ Graduação em Fonoaudiologia, Universidade Estadual de Campinas. E-mail: psouza.ingrid@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9945-3250>

² Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas. E-mail: rodrigo.gomes95@outlook.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2775-5169>

³ Mestre em educação, Prefeitura Municipal de Campinas. E-mail: brenojuz@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3402-3529>

⁴ Doutora em Educação, Universidade Estadual de Campinas. E-mail: lilianrn@unicamp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7805-1620>

<https://doi.org/10.36311/2358-8845.2021.v8n1.p143-154>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

proposition of this paper is to report and discuss such issues through an activity carried out in a municipal school of Campinas, which bears the objective of investigating the hearing students' knowledge about deafness and deaf individuals by carrying out discussions and a deconstruction of the main myths involving this topic. It is also developed a discussion about the role of inclusion in the changes of perspective a that listening students own concerning the deaf individual and deafness. Although deaf students participated in the activity, since they were included in the classrooms, the tiny number of these students was not relevant to modify the result. The results obtained indicate that just including deaf students into the classroom does not necessarily promote a change of the hearing students' concept about the experience of being deaf or about sign language. It is needed that the management and teaching staff take action on the task of providing situations in which deaf people assume a leading position inside the classroom and school in order to share the diversities and potentialities of the deaf individual, overcoming the commonly spread myths that are often, erroneously, assumed as true.

Keywords: Deaf Education; Brazilian Sign Language; Deafness.

INTRODUÇÃO

Atualmente, há em nossa sociedade um crescente aumento de interesse nas questões que envolvem a surdez e o sujeito surdo. Com isso, surgem cada vez mais discussões em diversos âmbitos, visando a inclusão educacional, social e os interesses e necessidades da comunidade surda em maior número de pautas do que visto há algumas poucas décadas.

No Brasil, a partir da lei nº 10.436/2002 (BRASIL 2002), a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como meio legal de expressão e comunicação das comunidades surdas. Tal lei foi regulamentada pelo decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005), que determina, dentre outras questões, a inclusão da Libras como disciplina curricular nos cursos de formação de professores e assegura ao sujeito surdo o direito à expressão, à sua língua e ao acesso integral à educação e à saúde.

Apesar disso, ainda hoje é possível verificar a marginalização dessa população e o pouco interesse da sociedade em pautas de inclusão e conhecimento acerca da surdez e do sujeito surdo. Nesse contexto, frequentemente, os surdos se sentem “estrangeiros em seu próprio país” devido, especialmente, as barreiras linguísticas que os separam da população ouvinte, e refletem em uma barreira social, que inclui saúde, educação, cultura e lazer.

Partindo da afirmação de que o sujeito surdo é parte da sociedade, faz-se necessário que os direitos assegurados aos ouvintes também sejam assegurados aos surdos, com equidade, de modo a contemplar todas as necessidades para o pleno acesso à educação, cultura, saúde, lazer, trabalho e justiça. Assim, no que tange o direito à educação, as políticas públicas devem ser pautadas na lei (BRASIL, 2015).

Uma educação que seja abrangente e inclusiva com grupos outrora subalternizados, dentre eles os surdos, deve estar atenta aos métodos de ensino empregados e à singularidade desses sujeitos. Tratando-se de pessoas surdas, é preciso que sua língua natural seja a língua de instrução na escola. Esse é o primeiro passo para a inclusão almejada. Contudo, a realidade escolar destoia da teoria, pois pessoas surdas permanecem sendo excluídas quando a metodologia educacional é voltada apenas aos ouvintes. Como resultado, os estudantes surdos da Educação Básica defrontam-se com docentes sem conhecimentos básicos sobre a surdez e até mesmo com a falta de intérpretes (DINIZ; SILVA, 2017).

Muitos pesquisadores têm apontado o fracasso na escolarização dos surdos, quando no processo de inclusão não se valorizam as singularidades linguísticas e cognitivas dos surdos (LACERDA; SANTOS; MARTINS, 2016). Para além dessa constatação, questionamos se a

inserção de alunos surdos em salas de ouvintes modifica a visão que os últimos têm a respeito dos primeiros.

Mesmo que haja acesso ao ambiente escolar com a possibilidade do aluno surdo estar em sala de aula junto aos ouvintes com a disposição de intérprete de Libras, o que se vê não é uma inclusão de fato. A simples ‘enturmação’ (estar junto na mesma turma) não garante que haja um reconhecimento pelos alunos ouvintes das diferenças e necessidades das pessoas surdas, bem como de suas particularidades.

Ainda há muitos mitos sobre os surdos e a língua de sinais consequência do desconhecimento e tentativas de significar questões e ideias a partir da narrativa e da fala de um sujeito a outro, muitas vezes contrapondo-se e chocando-se com o saber científico. O mito, como um discurso narrativo pelo qual as sociedades expressam tradições, paradoxos, dúvidas e inquietações, pode ser visto como uma possibilidade de se refletir as relações sociais e situações de se “estar no mundo” fazendo parte dele (ROCHA, 1994).

O presente artigo busca, a partir de relato de experiência investigar os conhecimentos que estudantes de uma escola inclusiva têm acerca da surdez, do sujeito surdo e dos mitos que os rodeiam. A atividade foi realizada no CEMEFEJA Prof. Sérgio Rossini, escola municipal localizada na região central de Campinas. A atividade fez parte do projeto de extensão Educomunicação, da faculdade de educação da UNICAMP. Por não se tratar de uma pesquisa, não foi submetida ao comitê de ética. Esta escola, fundada em 1965, atende a alunos surdos incluídos em sala de aula com alunos ouvintes na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) desde a década de 1990. Os estudantes do local são trabalhadores formais e informais, na faixa etária entre 30 e 60 anos. Em 2007, a Secretaria Municipal de Educação deu início ao Programa de Inclusão Bilíngue que definiu escolas polos para atendimento de alunos surdos, na educação infantil e no ensino fundamental (SOFIATO, 2013). Esta escola é considerada inclusiva-bilíngue por inserir alunos surdos e ter no seu corpo docente, profissionais qualificados para o ensino destas pessoas, como: intérpretes, professor de educação especial e professor bilíngue para ensino de português como segunda língua para os surdos.

A escola é também campo de atuação do projeto *Educomunicação* desenvolvido por bolsistas do programa de permanência estudantil do Serviço de Apoio ao Estudante da Unicamp. A proposta do projeto é utilizar as tecnologias digitais, com o uso de *tablets*, para a realização de atividades em diálogo com os professores e com os conteúdos das disciplinas, apresentando opções de ensino mais abrangentes com o acesso e uso do meio digital.

DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE

A atividade denominada “Mitos e Verdades sobre o surdo e a surdez” foi realizada nas quatro salas de aula da escola atendidas pelo projeto *Educomunicação* e contou com a participação de 62 alunos ouvintes, 4 alunos surdos e duas intérpretes de Libras, além de professores responsáveis pela sala de aula. Para realização da atividade todos os alunos participantes receberam um tablet com um documento em formato ‘pdf’ contendo a palavra “VERDADEIRO” em fundo verde na primeira página e “FALSO” em fundo vermelho na página seguinte. Foi realizada a orientação de que a página correspondente deveria ser selecionada e apresentada no tablet de acordo com o conhecimento individual de cada estudante. Assim, após cada afirmação apresentada, os alunos selecionavam no tablet a página com a

resposta considerada correta e mostravam aos pesquisadores, revelando suas respostas todos ao mesmo tempo, para registro dos resultados. As afirmações eram apresentadas oralmente pelos pesquisadores e traduzidas pelos intérpretes de Libras.

Foram realizadas o total de 6 afirmações, com a orientação prévia aos alunos de que respondessem com o auxílio do tablet e de acordo apenas com seu conhecimento pessoal, não se deixando influenciar pela resposta do colega ao lado. As afirmações foram lidas em voz alta e repetidas quantas vezes necessário mediante solicitação dos alunos, surdos e ouvintes. Durante a atividade os alunos foram encorajados a justificarem suas respostas ou apontarem questionamentos. Posteriormente, as afirmações foram explicadas, com espaço aberto para discussão e compartilhamento de experiências e considerações.

O levantamento de participantes por sala (Tabela 1) e as afirmações, bem como seus resultados gerais (Tabela 2) podem ser observados a seguir.

Tabela 1 - Levantamento de participantes da atividade por sala de aula.

	Alunos Matriculados	Participantes	Participantes Ouvintes	Participantes Surdos
Sala 1	22	13	11	2
Sala 2	26	19	18	1
Sala 3	18	14	14	0
Sala 4	28	20	19	1
Total	94	66	62	4

Fonte: Elaborado pelos autores

Tabela 2 - Levantamento geral de afirmações e respostas.

n= 66 (70.2% do total matriculado)

Afirmações	Verdadeiro	Falso
1. A língua de sinais é a mesma para todos os países do mundo.	33 (50%)	33 (50%)
2. A Libras não é uma língua, é uma linguagem.	42 (66%)	24 (34%)
3. Todos os surdos são mudos.	5 (8%)	61 (92%)
4. A língua natural dos surdos brasileiros é o português.	32 (48%)	34 (52%)
5. A Libras é o português feito em gestos.	43 (65%)	23 (35%)
6. O aparelho auditivo faz todos os surdos ouvirem.	(29%)	47 (71%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Este trabalho teve uma metodologia de pesquisa quantitativa com um procedimento de coleta de dados do tipo levantamento. Segundo Gil (2000), as pesquisas quantitativas usam de questionamentos diretos aos participantes cujo comportamento se deseja conhecer, procedendo, em seguida, com a análise quantitativa. A pesquisa teve 66 participantes, sendo 62 alunos ouvintes e 4 surdos. Como procedimento de análise utilizou-se um tratamento estatístico dos dados, com porcentagem simples a partir do número de respostas. A seguir, apresentamos uma problematização a respeito das respostas obtidas na atividade realizada. Cada subtítulo representa uma afirmação apresentada aos alunos.

RESULTADOS

A LÍNGUA DE SINAIS É A MESMA PARA TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

A crença neste mito, classificado como verdadeiro por 50% dos estudantes, é muito frequente. Segundo Gesser (2009, p. 11), esse mito está ancorado na “ideia de que toda língua de sinais é um código simplificado aprendido e transmitido aos surdos de modo geral”.

Afirmar que as línguas de sinais são universais também demonstra um desconhecimento a respeito da própria denominação da Libras, uma vez que “Língua Brasileira de Sinais” já sugere que ela é uma especificidade do país. Ao verificar o que a sigla Libras significa, as pessoas, em geral, se esclarecem de que cada país teria uma língua de sinais diferente.

Outro ponto a ser levado em conta é uma certa perspectiva de homogeneidade. Ou seja, concordar com a afirmação de que a língua de sinais é a mesma em todos os países sugere que, muitas vezes, o sujeito surdo pode ser visto como alguém sem subjetividade, como se fosse igual a todos os outros surdos do mundo (GESSER, 2009).

A LIBRAS NÃO É UMA LÍNGUA, É UMA LINGUAGEM

Dos 66 participantes, 42 apontaram a frase como verdadeira, enquanto 24 a classificaram como falsa. Ao questionar uma das salas sobre a afirmação após a contabilização das respostas, uma aluna referiu que a explicação da pergunta anterior “*a língua de sinais é a mesma para todos os países do mundo?*” deixou claro que Libras é uma língua, salientando que este fato muitas vezes passa despercebido, mesmo que seu status de língua se encontre em seu nome: Língua Brasileira de Sinais.

As línguas de sinais são consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo, não sendo um problema do surdo ou uma ferramenta de suplementação da linguagem. Elas atendem a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma infinita quantidade de sentenças (QUADROS; KARNOPP, 2004).

De forma simplificada, a linguagem pode ser definida como qualquer meio sistemático de comunicação, a partir do qual se dá a expressão de ideias, desejos, conceitos e sentimentos, enquanto a língua, por sua vez, é um sistema altamente desenvolvido que possui padrão de organização definido (QUADROS; KARNOPP, 2004). Ambos os conceitos coexistem, mas não são sinônimos.

Mesmo que a questão seja da falta de conhecimento e diferenciação de conceitos entre língua e linguagem, o mesmo fenômeno não ocorre com a língua portuguesa, por exemplo, sendo a menção de “linguagem portuguesa” considerada estranha e não normalizada. Por outro lado, pode-se observar que a referência de “linguagem brasileira de sinais” é tida como natural.

O fato da Libras ser facilmente associada ao conceito de linguagem pode demonstrar a ideia equivocada de que as línguas de sinais são apenas gestos, algo não sistematizado e subdesenvolvido quando comparado às línguas orais. Isso pode levar ao senso comum uma ideia de que as línguas de sinais seriam menos complexas e, logo, uma linguagem.

TODOS OS SURDOS SÃO MUDOS

Dentre todas as questões realizadas na escola, essa foi a que contou com o maior número de acertos, contabilizando o total de 5 indicações de verdadeiro e 61 indicações de falso, sendo esta última a alternativa correta. A maioria dos alunos justificou a resposta referindo ter ouvido os colegas surdos oralizarem durante as aulas na escola. De fato, o termo “surdo-mudo”, ainda muito presente ao se falar do sujeito surdo em diversos contextos, é uma denominação equivocada. A mudez, resultado do impedimento da fonação, diz respeito à incapacidade de produzir a voz. Pode ser ocasionada devido à má formação, comprometimento ou retirada de algum dos órgãos do aparelho fonador, como nos casos de câncer (CLETO, 2000) ou ainda devido a questões de saúde mental que incapacitam ou limitem a produção vocal (PEIXOTO; CAROLI; MARIANA, 2017). A mudez, porém, não é uma condição diretamente relacionada à surdez, como muitos acreditam e disseminam.

O fato é que o desenvolvimento da linguagem oral depende da contribuição fundamental da integridade do sistema auditivo (SOBREIRA *et al.*, 2015). Assim, os sujeitos surdos, não possuem o recebimento constante dos estímulos sonoros e precisam aprender a se comunicar oralmente através de atendimento fonoaudiológico, normalmente associados ao uso de tecnologias auditivas (SOBREIRA *et al.*, 2015).

A LÍNGUA NATURAL DOS SURDOS BRASILEIROS É O PORTUGUÊS

Dentre os 66 estudantes que participaram da pesquisa, 32 afirmaram que é verdadeira a asserção, enquanto 34 discordaram. A quantidade de pessoas considerando a frase como verdadeira pode se relacionar com a forma que a Libras é vista. Se por um lado, a frase já coloca o Português como uma língua natural, por outro lado essas qualificações podem não ter sido consideradas em relação à Libras. Ela pode ter sido considerada como língua, até porque a segunda questão já abordava tal classificação, mas, muitos a compreendiam como uma língua artificial. No entanto, “as línguas de sinais são línguas naturais, ou seja, nasceram ‘naturalmente’ nas comunidades surdas” (PEREIRA *et al.*, 2011, p.4).

É possível associar o sentimento de pertencimento às respostas positivas. Ao responderem a afirmação, estudantes relataram que se o surdo é brasileiro, sua língua é o português. Os participantes podem também, pela convivência com os colegas surdos, ter a percepção de que estes leem e escrevem usando o Português escrito, o que, de certa forma, faz com que seja verdade que o Português seja também a língua dos surdos. O que talvez desconheçam é que o Português é, em geral, a segunda língua da comunidade surda, sua língua

adicional, cuja aprendizagem na modalidade escrita demanda esforço e uma metodologia de ensino totalmente diferente daquela pela qual os ouvintes se alfabetizam (PEREIRA *et al.*, 2011).

A LIBRAS É O PORTUGUÊS FEITO EM GESTOS

A afirmação que mais gerou respostas erradas durante as coletas de dados foi a de que a Libras seria o Português feito em gestos. Nessa afirmação, 43 dos 66 alunos participantes assinalaram a opção “verdadeiro”. As respostas afirmativas a esta questão também podem denotar um desconhecimento de que os sinais produzidos nas línguas de sinais não são gestos, como na mímica e pantomima, mas significantes reais de uma língua com estrutura própria.

Gesser (2009) afirma que a confusão entre língua de sinais e mímica é ainda bastante comum, estando implícito um preconceito grave, a saber, “a ideia que muitos ouvintes têm sobre os surdos: uma visão embasada na anormalidade, segundo a qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível para eles” (GESSER, 2009, p. 21). Portanto, mais uma vez podemos afirmar que há um desconhecimento do status linguístico da Libras, e desta forma, acredita-se que haja uma subordinação desta ao português.

O APARELHO AUDITIVO FAZ TODOS OS SURDOS OUVIREM

Dos 66 alunos participantes, 47 classificaram a afirmação como falsa, enquanto 19 alunos a consideraram verdadeira. Muitos dos estudantes que participaram da atividade relataram situações envolvendo sujeitos com perda auditiva em suas famílias devido a fatores como idade ou doenças adquiridas e que não se beneficiaram de tecnologias auditivas.

Os Aparelhos de Amplificação Sonora Individual (AASI) são equipamentos utilizados, como o próprio nome sugere, para realizar a amplificação do som de forma individual. Assim, eles são o meio primário para aqueles que desejam passar pela reabilitação nos casos de uma perda auditiva. O prognóstico do sucesso que o sujeito terá com o uso do AASI depende de diversos fatores como o grau da perda auditiva, o tipo da perda auditiva e também a expectativa existente em relação à amplificação, sendo a avaliação para uso da prótese uma etapa criteriosa com diversas considerações de acordo com cada caso, individualmente (ALMEIDA, 2004). Desse modo, a afirmação se mostra falsa, visto que não são todos os surdos ou sujeitos com perda auditiva que se beneficiam dos AASI, pois a utilização de tal equipamento pode possuir limitações.

O QUE, DE FATO, FICA? COMPARATIVO DE RESPOSTAS

A permanência de algumas ideias do senso comum compõem os desafios e as tensões existentes nas relações de ensino-aprendizagem. Esses conhecimentos prévios e os saberes extraescolares fazem parte da experiência de vida de qualquer estudante, entretanto, acentuam-se no caso dos alunos de EJA, por conta das especificidades da sua trajetória de vida na relação com a instituição escolar.

Podemos perceber isso a partir de dados referentes à sala 2 (segunda turma em que a atividade foi desenvolvida). Uma semana após a realização da dinâmica, acima descrita e analisada, o professor de História realizou uma atividade escrita sobre o tema “surdez” com 11 afirmações, dentre elas as 6 frases de nossa pesquisa. Os estudantes classificaram as afirmações como verdadeiras ou falsas. O docente lembrou com os estudantes a atividade realizada no projeto *Educomunicação*, comentou os principais pontos debatidos e, em seguida, aplicou a atividade escrita.

Os resultados são interessantes para percebermos a dificuldade de romper, a partir dos saberes construídos na sala de aula, com crenças do senso comum expressados por parte significativa desses sujeitos da EJA. Indica também os limites da escola, dos saberes escolares e do conhecimento científico na transformação das concepções de mundo dos estudantes.

Para fins comparativos consideramos para a análise somente as respostas da atividade escrita dos estudantes que estavam presentes também na primeira atividade, realizada uma semana antes. Na primeira atividade participaram 19 alunos, sendo um deles surdo, enquanto na segunda participaram 14 alunos, 1 deles surdo. A diferença na quantidade de resposta na comparação final ocorreu porque a primeira atividade foi realizada sem registro escrito, o que impossibilitou saber quais foram as respostas desses alunos que estavam ausentes na segunda atividade. Por isso, indicamos o número absoluto e percentual das respostas da atividade principal (At1) e da atividade comparativa (At2) na tabela 3.

Tabela 3: Comparativo de respostas

Afirmação	Índice de Concordância Atividade 1	Índice de Concordância Atividade 2	Índice de Discordância Atividade 1	Índice de Discordância Atividade 2	Acertos
1	14 (74%)	1 (7%)	5 (26%)	13 (93%)	Melhorou
2	17 (90%)	9 (64%)	2 (10%)	5 (36%)	Melhorou
3	2 (10%)	2 (14%)	17 (90%)	12 (86%)	Igual
4	6 (32%)	9 (64%)	13 (68%)	5 (36%)	Piorou
5	17 (90%)	12 (86%)	2 (10%)	2 (14%)	Igual
6	8 (42%)	4 (28%)	11 (58%)	10 (72%)	Melhorou

Fonte: Elaborado pelos autores

Examinando a tabela 3, podemos notar que a afirmação 4 (“*A língua natural dos surdos brasileiros é o português*”) teve uma queda no índice de discordância de 68% para 36%. Reforçando a presença da percepção de um nacionalismo essencializante que naturaliza a relação entre língua e nacionalidade. Enquanto as respostas à afirmação 3 (“*Todos os surdos são mudos*”) permaneceu quase inalterada, com 90% e 86% de discordância, respectivamente.

Num sentido oposto, de continuidade do preconceito linguístico, a afirmação 5 (“*Libras é o português feito em gestos*”), manteve uma alta concordância, respectivamente, 90% e 86%. Os resultados indicam, talvez, para além do elemento nacionalista essencializante, a dificuldade de entendimento da complexidade das relações linguísticas.

Por fim, as afirmações 1 (“*A Língua de Sinais é a mesma para todos os países do mundo*”), 2 (“*A Libras não é uma língua é uma linguagem*”) e 6 (“*O aparelho auditivo faz todos os surdos ouvirem*”), tiveram um aumento no índice de discordância e, portanto, de acertos por parte dos estudantes, indicando uma mudança no olhar deles para os temas relacionados à surdez. Contudo, a transformação mais significativa ocorreu na afirmação 1, de 26% para 93% de acertos, ao rejeitarem a ideia de uma universalidade mundial da Libras.

A realização dessa atividade nos permitiu responder ao questionamento acerca da possível modificação da concepção sobre surdez e língua de sinais que ouvintes têm com inserção de alunos surdos em salas de ouvintes. Foi possível perceber ainda que as discussões provocadas pela atividade e a participação dos surdos elucidando muitas das dúvidas dos colegas modificou, de fato, a visão dos ouvintes e os sensibilizou para essa questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência teve como objetivo investigar os conhecimentos que estudantes de uma escola inclusiva têm acerca da surdez, do sujeito surdo e dos mitos que os rodeiam. Embora 4 alunos surdos tenham participado da atividade, uma vez que estavam incluídos na sala, esse número foi considerado ínfimo em relação aos 62 alunos ouvintes, não alterando, portanto, os resultados. Assim, consideramos que os resultados representam, em sua maioria, a concepção dos alunos ouvintes.

De modo geral, os mitos amplamente explicitados neste texto mantêm as pessoas surdas em uma situação de inferioridade em relação aos ouvintes, sendo considerados pouco capazes. A Libras também se mantém no imaginário social como uma forma de comunicação mímica e não como língua. No caso dos alunos ouvintes da escola onde se realizou a atividade, essas concepções não fogem totalmente à regra, porém com uma certa singularidade. Por ser uma escola inclusiva, a discussão acerca da surdez se torna mais familiar para os estudantes deste local, fazendo com que as respostas de conhecimento se mostrassem em diversas situações mais distantes dos mitos relacionados à surdez e à língua de sinais.

Os próprios alunos afirmaram que a atividade, relatada e analisada no presente artigo, foi positiva e proporcionou autorreflexão, fornecimento de conhecimentos e aprendizados importantes para desmistificação de conceitos de senso comum. Tendo convivência com sujeitos surdos no ambiente escolar, tal atividade e reflexões se tornam ainda mais contextualizadas para eles, sensibilizando os sujeitos ouvintes participantes, fato que, provavelmente, não ocorreria em uma escola que não incluísse alunos surdos.

Observou-se, também, a partir do desenvolvimento da atividade, grande participação dos alunos surdos nas salas 1 e 2 com uma mudança de papel destes frente à turma, compartilhando histórias, explicações, experiências e conhecimentos. Nesse momento, os surdos assumiram uma posição de protagonismo, passando de um agente passivo no ambiente escolar para agente ativo. Os colegas ouvintes, mediados pelas intérpretes quando necessário, fizeram perguntas,

tiraram dúvidas e fizeram afirmações de que nunca haviam pensado profundamente em tais questões.

A partir dos resultados obtidos e das discussões realizadas com os alunos, podemos concluir que apenas inserir alunos surdos em sala de aula, não promove, necessariamente, uma mudança conceitual nos alunos ouvintes sobre a experiência de ser surdo ou sobre a língua de sinais. É preciso que a gestão e o corpo docente se mobilizem na tarefa de proporcionar situações em que os surdos assumam um posicionamento de protagonismo em sala de aula e na escola, falem sobre suas experiências, tirem dúvidas dos colegas. O ensino de Libras para alunos ouvintes também é uma estratégia que aproxima os estudantes, permitindo a comunicação entre surdos e ouvintes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, K. Seleção e adaptação de próteses auditivas em adultos. In: FERREIRA, L. P.; BEFILOPES, D. M.; LIMONGI, S. C. O. **Tratado de Fonoaudiologia**, São Paulo: Roca, 2004.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº10.436 de 24 de abril de 2002. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm . Acesso em: 20 jul. 2019.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm . Acesso em: 20 jul. 2019.
- BRASIL. LEI Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 6 de julho de 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm . Acesso em: 20 jul. 2019.
- CLETO, M. L. S. Reabilitação na Laringectomia total. **Fonoaudiologia em cancerologia**, p. 83, 2000.
- DINIZ, D. M; SILVA, J. P. Desafios da inclusão na trajetória escolar da pessoa surda. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 10, n. 1, 2017. Disponível em <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/5299/1791> . Acesso em: 07 set. 2020.
- GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIL, A. C. Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias. São Paulo: Atlas, 2000.
- LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. O. (Orgs.). **Escola e diferença:** caminhos da educação bilíngue para surdos. São Carlos: Edufscar, 2016.
- PEIXOTO, A. C. A.; CAROLI, A. L. G.; MARIANA, S. R. Mutismo seletivo: estudo de caso com tratamento interdisciplinar. **Rev. bras. ter. cogn.** Rio de Janeiro , v. 13, n. 1, p. 5-11, jun. 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872017000100003&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 20 jul. de 2019.
- PEREIRA, M. C. C. *et al.*. **Libras:** conhecimento além dos sinais. São Paulo, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, E. **O que é Mito**: Notas de estudo de Cultura. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

SOBREIRA, A. C. O. *et al.* Desenvolvimento de fala e linguagem na deficiência auditiva: relato de dois casos. **Revista CEFAC**, v. 17, n. 1, p. 308-317, 2015.

SOFIATO, C. G. A política de inclusão de alunos surdos na rede municipal de ensino na cidade de Campinas: o Programa de Inclusão Bilíngue. **Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência** – SEDPCD/Diversitas/USP Legal – São Paulo, junho/2013. Disponível em http://www.memorialdainclusao.org.br/ebook/Textos/Cassia_Geciauskas_Sofiato.pdf. Acesso em: 07 set. 2020.

